

Infopoesia ou poesia informacional

E.M. de Melo e Castro

DESDE o começo da década de 60 que a ideia, já antiga, de produzir textos com qualidade poética através de máquinas especiais, começou a tornar-se possível. O desenvolvimento dos computadores permitiu o tratamento de texto segundo determinadas funções morfológicas e sintáticas. O caminho para uma poesia informática ou infopoesia estava aberto. Era preciso percorrê-lo e desenvolver novas categorias de entendimento crítico para tratar as questões daí emergentes.

A noção de texto artificial que foi largamente utilizada, não me parece, no entanto, nem de grande utilidade teórica nem adequada para o tratamento crítico dos textos poéticos produzidos com o auxílio do computador. De facto, artificial quer apenas dizer feito através de um artifício, isto é, não naturalmente existente. E, não será toda a escrita, toda a produção de textos pela mão do homem ou pela tipografia, um artifício para registar e fixar a comunicação oral?

E, a própria voz humana, não será um artifício para possibilitar a comunicação entre seres ditos humanos, através de um código arbitrário de sons que esses seres são capazes de produzir e de constituir em linguagem?

Existirão mesmo linguagens naturais e linguagens artificiais?

Não serão tudo criações do homem, nas sucessivas fases do seu desenvolvimento, no intuito de aumentar a eficácia das suas relações ou de adaptar-se a novas circunstâncias vivenciais que se reflectem nos próprios meios de comunicar ou então que deles dependem?

Seja como for, a noção de texto artificial aparece hoje como uma falsa noção, na exacta medida em que não há textos a que possamos chamar naturais. Todos os textos são produzidos por homens através de instrumentos e em materiais adequados: o aparelho fonador para a fala, mas também o seu registo mecânico ou electrónico e a sua transmissão à distância. E ainda as várias técnicas de escrita e os vários suportes para o registo visual da fala, tais como inscrições rupestres, papiros, bambus, penas de aves, papel, pincéis, imprensa, caneta de aparo de aço, lápis, estereográfica, máquina de escrever, até ao actual computador. Todos estes instrumentos, a que podemos chamar de «duros» utilizando uma outra série de instrumentos «moles» ou imateriais, constituídos pelas palavras e pelas regras gramaticais de organização do discurso. A novidade dos computadores, como máquinas escreventes de texto, é que eles próprios podem ser instruídos pelo homem no uso e emprego das palavras e das regras gramaticais.

Trata-se assim de utilizar equipamento que nos pode auxiliar na produção de textos, executando funções que não são de modo registo, reprodução ou difusão de textos pré-existent.

Numa nota ao seu livro «Electro-nico lírica» de 1964, Herberto Hélder explica como o processo de produção textual por ele executado é idêntico ao das experiências pioneiras que o poeta italiano Balestrini realizou ao utilizar um computador para a produção poética. Eis a referida nota de Herberto Hélder: «Em 1961 Nanni Balestrini realizou em Milão uma curiosíssima experiência. Escolhendo alguns fragmentos de textos antigos e modernos, forneceu-os a uma calculadora electrónica que, com eles, organizou, segundo certas regras combinatorias

previamente estabelecidas, 3002 combinações, depois seleccionadas.

O autor destes poemas aproveitou da referida experiência o princípio combinatorio geral nele implícito. Assim, utilizando um limitado número de expressões e palavras mestras, promoveu a sua transferência ao longo de cada poema, sem no entanto se cingir a qualquer regra. Sempre que lhe apeteceu, recusou os núcleos vocabulares iniciais e introduziu outros novos, que passavam a combinar-se com os primeiros ou simplesmente entre si.

Devido ao uso de restrito número de palavras, as composições vinham a assemelhar-se, nesse aspecto a certos textos mágicos primitivos, a certa poesia popular, a certo lirismo medieval. A aplicação obsessiva dos mesmos vocabulários geravam uma linguagem encantatória, espécie de fórmula ritual mágica, de que o refrão popular é um vestígio e de que é vestígio também o paralelismo medieval, exemplificável com as cantigas dos cancioneiros.

O princípio combinatorio é, na verdade, a base linguística da criação poética.

Penso que este texto é suficiente claro para dispensar glosas e comentários, permitindo-me apenas chamar a atenção para um outro princípio, além do combinatorio, e que também é importante no texto de Herberto Hélder: é o princípio aliatório, que está presente na vontade do poeta ao introduzir novos vocabulários e ao usar «qualquer regra» para as transferências vocabulárias realizadas ao longo de cada poema.

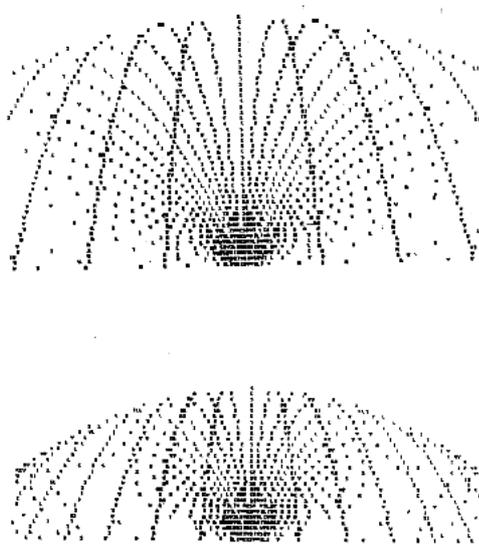
Também igualmente clara é a evolução que o uso dos computadores na produção de experiências criativas teve dos anos 60 até hoje, quer usando um algoritmo combinatorio, quer um algoritmo aliatório, quer ainda na produção de instruções dadas ao computador para a execução de determinados programas segundo modelos conceptuais (matemáticos) de tipo gramatical ou visual pré-estabelecidos.

Assim pode dizer-se que existem hoje numerosíssimas possibilidades de produção poética que tiram partido, quer da velocidade de execução do computador na produção combinatoria ou aliatória de textos quer no seu rigor para a aplicação de modelos conceptuais matemáticos.

As primeiras experiências, como a de Balestrini ou a de Margaret Masterman na produção computadorizada de Haku, ou de Marc Adrian na produção de poemas concretos, assim como de muitos outros, realizados nas décadas de 60 e 70 em numerosas Universidades, devem ser hoje consideradas tanto pré-históricas como paradigmáticas. Paradigmáticas da possibilidade então antevista numa poesia informática, mas também das dificuldades, desde logo encontradas, na realização de tal projecto. Pré-históricas, porque hoje, com a difusão dos micro e dos computadores pessoais, a quantidade, a diversidade e a qualidade, de muitas das experiências realizadas em todo o mundo e nas mais diversas línguas, permite que se fale numa infopoesia, ou seja numa pesquisa generalizada, mas também específica do uso dos computadores e das suas vastas possibilidades para a realização do texto criativo, isto é, de texto não pré-existente como tal.

Que essa pesquisa é o verdadeiro significado da poética, penso não ser necessário voltar a demonstrar.

Como exemplos de infopoesia em português devem referir-se os traba-



Erthos Albino de Souza

Doas Fases do poema "Ninho do Metralhadoras"

```

10 KEY OFF:CLS:SCREEN 2
20 DIM LETTER(60)
30 T=0
40 LOCATE 1,1
50 LOCATE 1,1:PRINT " U " :M=30:GOSUB 130
60 LOCATE 1,1:PRINT " N " :M=45:GOSUB 130
70 LOCATE 1,1:PRINT " I " :M=60:GOSUB 130
80 LOCATE 1,1:PRINT " V " :M=75:GOSUB 130
90 LOCATE 1,1:PRINT " E " :M=90:GOSUB 130
100 LOCATE 1,1:PRINT " H " :M=105:GOSUB 130
110 LOCATE 1,1:PRINT " S " :M=120:GOSUB 130
120 LOCATE 1,1:PRINT " O " :M=135:GOSUB 130
130 GET(C,0) :C=5,10) :LETTER
140 FOR T=-8 TO 5.8 STEP .1
150 A=280+150*(COS(1)*X.89)+27/35
160 PUT(4+T*1.5,G+T*3),LETTER
170 NEXT T
180 RETURN
    
```

Programa-Poema «Universo» de João Coelho (IBM PC/BASIC)

lhos de Pedro Barbosa na década de 70, reunidos em dois livros: Literatura Cibernetica, I e 2, em que os métodos combinatorio e aliatório são exemplificados praticamente, embora na teorização se recorra com demasiada insistência à noção de texto artificial que hoje se sabe não ser produtiva quando se trata de infopoesia. Outra experiência do começo dos anos 80 é a de Silvestre Pestana que, com um simples spectrum, produziu infopoesia conceptual de tipo visual que deve ser considerada pioneira.

Também Pedro Barbosa, em 1984, partindo dum modelo textual conceptual para a produção de textos, por mim proposto em 1971 no meu livro «Alca e Vazio», produziu uma série de aforismos, dos quais os 33 exemplos então publicados são de uma insofismável qualidade literária, segundo padrões convencionais. Um artigo de Pedro Barbosa sobre esta experiência foi publicada no «Jornal de Notícias», Porto, 5/6/1984. Posteriormente publiquei na revista «Colóquio Letras», n.º 89, Janeiro/1986, uma comunicação sobre a produção dos meus aforismos e suas implicações na modificação da noção de autor e da função crítica. As questões que se podem levantar quanto à leitura crítica desses aforismos podem

ser vistas de vários ângulos. Cito -primeiro, levando a um reforço da função crítica do leitor, isto é, obrigando o destinatário a um trabalho de selecção das mensagens recebidas, obrigando-o a tomar posições activas e participantes no processo da leitura. Se tanto o leitor pronunciar-se sobre a sua verdade. O poema como texto aberto é o não só formalmente como semanticamente. A função crítica é assim uma parte do processo da criação dos textos que deve ser executada pelo leitor. O autor, esse, é apenas o proponente dos modelos geradores dos textos.

Quanto ao Brasil devem citar-se, entre outras existentes, as experiências pioneiras de Erthos Albino de Souza e recentemente, a infopoesia visual de João Coelho, um jovem poeta de novo tipo que nunca produziu poemas senão por computador. Erthos Albino de Souza também nunca escreveu versos e é técnico de computadores de grande porte, usando a linguagem «Fortran» que originalmente foi concebida para fins administrativos. Produziu poemas desde os anos 70 como «Ninho de Metralhadoras» e «Le Tombeau de Mallarmé» o seu primeiro poema criado

com famílias de curvas equacionadas matematicamente. Diz este poeta: «Considero imensas as perspectivas de criação a partir do uso do computador, quer utilizando uma impressora normal quer usando o traçador de gráficos (plotter), que permite o traçado contínuo de curvas... tenho feito nestes 15 anos diversas experiências sequenciais, obtendo variações com modificação de escalas, ampliações, espelhamentos, inversões e outras distorções que fazem com que o original se modifique gradativamente. O poema «Ninho de Metralhadoras», de 1976, que tem uma de suas páginas reproduzidas abaixo, foi criado a partir de um conceito de Física, segundo o qual a trajectória descrita por um projectil arremessado por um arma de fogo (fuzil, canhão, metralhadora) é uma curva chamada parábola.

Se considerarmos uma série de arremessos a partir de um mesmo ponto mas em ângulos diferentes, e ainda num mesmo plano vertical, a curva gerada pela envoltória de todas as trajectórias possíveis é também uma parábola. O poema «Ninho de Metralhadoras» mostra graficamente estas trajectórias representando os pontos por letras da palavra-montagem LIVRE-SERVIL — palíndromo perfeito que permite a mesma leitura em ambas as direcções.

O leitor que desconheça a origem da concepção do poema poderá interpretá-lo de outras maneiras, como se fosse uma fonte de água jorrando com intensidades variáveis, por exemplo.

Entre muitas outras experiências que poderiam ser referidas e que certamente se estão realizando por esse país fora, cito como exemplo os pequenos microcosmos permutacionais realizados por Antero de Azevedo, a relação entre a arte programada em computador e o desenho em que trabalha Evangelina Surgado no Funchal, ou ainda as imagens produzidas em computador por Maria Cecília Melo e Castro para posterior utilização em videopoesia. De facto, a videopoesia é a infopoesia se não, num futuro próximo, uma e a mesma manifestação, já que a videopoesia usa computadores especializados, como o gerador de caracteres e outros equipamentos informatizados, para a geração e transformação de imagem. Por seu lado a infopoesia produz imagens visuais que, sendo animadas, se organizam segundo uma gramática «temporal-visual» semelhante à da videopoesia. Também na videopoesia se podem usar, animando-as e transformando-as, imagens geradas em computador através de programas de CAD (Computer Aided Design) ou de pintura. Tais imagens, uma vez passadas para vídeo, são de facto videopoesia e são hoje comuns tanto em senciências filmáticas como na televisão, sob a denominação vaga e antiquada de efeitos especiais.

Quanto às transformações conceptuais decorrentes da infopoesia deve ser observado que tanto Silvestre Pestana como João Coelho consideram a própria programação como o acto de criação poética por excelência, sendo o programa um poema. Poema que o computador entende e pode traduzir para que nós homens o possamos ler e usufruir através das várias saídas que o próprio equipamento tecnológico possibilita, tais como, vidcomonitor, impressora, plotter, fotografia, impressora laser, fazendo toda a informação registada em discos magnéticos.